

# O NOME IMPEDE A MORTE: TRAJETÓRIAS DE VIDAS DE MENINOS DESVALIDOS

■ MARIA ZÉLIA MAIA DE SOUZA

<https://orcid.org/0000-0002-9473-6582>

Universidade Federal de Juiz de Fora

## RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar, no contexto do século XIX, os debates acerca da proteção à criança desvalidas do sexo masculino, a concepção pedagógica de ensino primário profissional do Asilo de Meninos Desvalidos (1875-1894) e as trajetórias de vida de meninos internos daquela instituição asilar/escolar. Neste estudo, foram mobilizadas diferentes fontes documentais, dentre elas, 713 pastas individuais dos alunos internos. O aporte teórico-metodológico advém dos estudos sobre biografias desenvolvidos por Pierre Bourdieu (2006) e do campo da História da Educação. O exame das trajetórias de vidas demonstrou que aqueles sujeitos históricos construíram a realidade social, inseridos numa rede de interdependência, para mudá-la ou preservá-la.

**Palavras-chave:** Asilo de Meninos Desvalidos. Ensino profissional. Trajetórias de vidas.

## ABSTRACT

### THE NAME PREVENTS DEATH: TRAJECTORIES IN THE LIVES OF DISSABLED BOYS

The objective of this article is to analyze, in the context of the 19th century, the debates about the protection of the male child underprivileged, the pedagogical conception of professional primary education of the Asylum of Desvalded Boys (1875-1894) and the life trajectories of inmates of that nursing home/school institution. In this study, different document sources were used, among them, 713 individual folders of boarding students. The theoretical-methodological contribution comes from the studies on biographies developed by Pierre Bourdieu (2006) and from the field of History of Education. The examination of life trajectories showed that those historical subjects constructed social reality, inserted in a network of interdependence, to change or preserve it.

**Keywords:** Asylum of Desvalded Boys. Professional Education. Life trajectories.

## EL NOMBRE PREVIENE LA MUERTE: TRAYECTORIAS EM LA VIDA DE NIÑOS DESVALIDOS

El objetivo de este artículo es analizar, en el contexto del siglo XIX, los debates sobre la protección del niño varón desfavorecido, la concepción pedagógica de la educación primaria profesional del Asilo de Niños Desamparados (1875-1894) y las trayectorias de vida de los reclusos de ese hogar de ancianos / institución escolar. En este estudio se utilizaron diferentes fuentes documentales, entre ellas, 713 carpetas individuales de estudiantes internos. El aporte teórico-metodológico proviene de los estudios sobre biografías desarrollados por Pierre Bourdieu (2006) y del campo de la Historia de la Educación. El examen de trayectorias de vida mostró que esos sujetos históricos construyeron la realidad social, insertados en una red de interdependencia, para cambiarla o preservarla..

**Palabras clave:** Hogar para Niños Desvalidos. Educación profesional. Trayectorias de vida.

### Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar, no contexto do século XIX, os debates acerca da proteção à criança desvalida do sexo masculino, a concepção pedagógica de ensino primário profissional do Asilo de Meninos Desvalidos e as trajetórias de vida de meninos internos daquela instituição asilar/escolar. A reflexão aqui proposta considera o sujeito histórico constituído numa rede de relações interdependentes composta por estratos e grupos sociais diversos, sendo, portanto, a educação propiciada naquela instituição asilar/escolar parte dessa rede.

A motivação pelo conhecimento teórico-metodológico de construção e escrita de trajetórias de vida deu-se no decorrer da busca por fontes documentais para o estudo do Asilo de Meninos Desvalidos. Nesse percurso, tais documentos foram dando visibilidade para diferentes sujeitos, dentre eles, alunos que se destacam no campo da Música e do Desenho Artístico. Dentre os mais estudados, cito o exemplo do maestro Antônio Francisco Braga

(1868-1945) e do pintor João Baptista da Costa (1865-1926).

Diante desse conhecimento, uma problematização emergiu de imediato: como captar o momento em que os egressos do Asilo de Meninos Desvalidos foram submetidos a algum tipo de decisão? Obstáculo muitas vezes intransponível, segundo Giovanni Levi (2005), uma vez que as fontes não registram, por exemplo, “aos atos e pensamentos da vida cotidiana, das dúvidas e incertezas, do caráter fragmentário e dinâmico da identidade e dos momentos contraditórios de sua constituição” (LEVI, 2005, p. 169). Segundo o citado autor, o que se observa na tradição biográfica é a obediência a um modelo que associa uma “cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas” (LEVI, 2005, p. 169).

Os desafios da escrita biográfica também são apresentados por Ecio Portes (2001) que, ao citar Snyders (1995, p. 14), talvez nos apresente uma possível explicação. Conforme Por-

tes, a decepção de Snyders com as biografias deve-se principalmente porque elas não contam a história dos “Joões-ninguém”, aqueles de vida “comum”. Aqui, a dificuldade do encontro com as fontes, sejam manuscritas ou orais, devido a política de preservação e valorização de fontes que não privilegiam os feitos dos sujeitos “comuns”, é levantada como obstáculo. No entanto, as 713 pastas/dossiês dos alunos do Asilo de Meninos Desvalidos e que estão sob a guarda do Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (Proedes) na Faculdade de Educação (FE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tornaram possível a presente reflexão.

Dessa forma, o presente artigo está dividido em três movimentos: nos dois primeiros, apresento o Asilo de Meninos Desvalidos e a proposta pedagógica daquela instituição de natureza asilar/escolar. O terceiro movimento contempla o estudo das trajetórias de vidas dos egressos da instituição em exame.

## Casa, escola e oficinas: um lugar com encantos franceses

Sabe-se que no Brasil imperial a educação escolar das crianças identificadas como desvalidas, ou seja, órfãs, pobres e/ou abandonadas ocorreu em instituições de natureza asilar/escolar e que funcionaram em regime de internatos onde o contato do interno com a sociedade e com a família era rigidamente controlado por normas regulamentadoras de funcionamento institucional. A grande maioria dessas instituições surgiu na segunda metade do século XIX. Eram projetos de origem governamental (provincial, algumas com incentivo do governo central), religiosa (ordens religiosas), particular (filantropos ou empresários) ou misto (particulares ou religiosas com subvenção governamental) (RIZZI-NI, 2004, p. 168).

Essa perspectiva asilar acompanhou o movimento da sociedade ocidental que a partir do século XVIII se envolveu, de acordo com Foucault (2006), numa espécie de trama disciplinar. Nesse período, segundo o autor supracitado, observa-se um certo número de esquemas disciplinares específicos, como o exército, a escola, a oficina, o asilo, entre outros. Esses dispositivos que se formaram na Idade Média, derivados diretamente das ordens religiosas, cobriram toda a sociedade por uma espécie de processo de colonização de alguns grupos de indivíduos, como os vagabundos, os delinquentes, os mendigos, os nômades, as prostitutas, os órfãos. Tratando-se dos órfãos pobres e outras situações de criança desamparada, por iniciativa do governo central, em 14 de março de 1875, foi inaugurado o Asilo de Meninos Desvalidos, na Corte Imperial, para abrigar, instruir e profissionalizar meninos menores de 12 anos em estado de pobreza, em regime de internato. Previsto nos artigos 62 e 63 da Reforma Couto Ferraz<sup>1</sup>, inserindo-se numa proposta de criação de asilos voltada para uma faixa etária que deveria aprender uma profissão. Localizado no bairro de Vila Isabel<sup>2</sup>, distante do núcleo urbano, naquele momento, foi o eleito para abrigar o Asilo de Meninos Desvalidos. Nesse sentido, a ênfase nos discursos, especialmente os produzidos por médicos, sobre a má localização das escolas e da insalubridade da Corte Imperial comparece principalmente durante a segunda metade do século XIX, e provavelmente influenciou a decisão dos governantes na escolha do local para abrigar a instituição que seria uma das responsáveis para cuidar dos “frutos e do futuro da nação”. Segundo Gondra (2004):

O núcleo urbano da Corte, então, descrito como um lugar inadequado à vida moral, intelectual

1 Decreto de nº 1331<sup>a</sup>, de 17 de fevereiro de 1854.

2 Atualmente, Vila Isabel é um bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro, cercado pelos bairros vizinhos Tijuca, Grajaú, Andaraí e Maracanã.

e fisicamente sadia, não poderia e não deveria, segundo os argumentos médicos, abrigar os colégios, pois a influência geográfica e climática era tida como perniciosa e desaconselhável às organizações que iriam cuidar dos ‘frutos e do futuro da nação’ [...]. (GONDRA, p. 166).

Interesses imobiliários aparecem também nesse jogo histórico. Sendo assim, João Batista Drummond<sup>3</sup>, o barão de Drummond, comprou a Fazenda dos Macacos de D. Amélia, em 3 de janeiro de 1872. Poucos meses depois, em 25 de setembro, vendeu uma parte a Zeferino de Oliveira e Silva, e juntos fundaram em novembro do ano seguinte [1873] a Companhia Arquitetônica, dando início a um grande empreendimento de urbanização da citada fazenda, com o objetivo de criar um novo bairro, o primeiro planejado do Rio de Janeiro (GASPAR, 2003). O novo bairro recebeu o nome de Vila Isabel, em homenagem à princesa Isabel, sendo projetado pelo arquiteto Francisco Joaquim Bittencourt da Silva, um dos responsáveis pela Comissão de Melhoramentos da Cidade, mas também responsável pela execução da obra. Seguindo os moldes franceses com seu eixo central, uma avenida de dois quilômetros e meio de extensão, recebeu o nome de Boulevard, Vila Isabel passou então a ser saudado como “encantador e elegante”. Dentre os seus moradores, destaque para o visconde de Ouro Preto, último ministro do Império, morador da Rua Oito de dezembro (GASPAR, 2003). No dia 15 de novembro de 1873, um sábado, os leitores do *Jornal do Comércio* tomaram conhecimento da “Venda de palacete casas e terrenos” no bairro de Vila Isabel, por meio da seguinte notícia:

Está anunciada para domingo 16 do corrente mez de novembro, às 11 horas da manhã, a pra-

3 João Batista Viana Drummond, primeiro e único barão de Drummond, nasceu em 12 de maio de 1825 e faleceu em 7 de agosto de 1897. Empresário e fundador do primeiro jardim zoológico do Rio de Janeiro, no bairro de Vila Isabel, em 1888. Fonte: Wikipedia. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Bar%C3%A3o\\_de\\_Drummond](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bar%C3%A3o_de_Drummond). Acesso em: jan. 2021.

ça do juízo da provedoria (na qual terá lugar no próprio sítio) em que se há de proceder a venda da chácara e palacete pertencentes à herança do finado Jorge Rugde, à rua do Macaco (futuro *Boulevard Imperador*) Com esse valioso prédio, vender-se-hão também na mesma praça a essa da dita rua do Macaco n. 1, e vários lotes de terrenos como consta do anunciado hoje publicado na secção das *arrematações judiciais*. Os presidentes encontrarão o catálogo e planta na Rua do General Câmara n.63, armazém. Acharão bonde de meia em meia hora da Companhia Villa-Isabel, para os transportar ao lugar da praça (*Jornal do Comércio*. 15 de Nov. de 1873. Grafia original) <sup>4</sup>.

Dessa forma, chácara e palacetes foram comprados por conta do Ministério do Império, representado pelo engenheiro Bittencourt da Silva, por cem contos de réis, localizados, segundo o diretor interino do Asilo, o médico, João Joaquim Pizarro<sup>5</sup> em seu primeiro relatório do ano de 1876<sup>6</sup> “em uma pequena colina que se levanta na vasta planície que era perfeitamente ventilada e com exposição a Leste”, confirmando, portanto, que o bairro de Vila Isabel possuía as características geográficas e climáticas defendidas pelos argumentos médicos em relação à localização das instituições escolares, dentre elas o Asilo de Meninos Desvalidos destinado à educação e instrução da infância pobre. Além disso, o complexo arquitetônico – casa, escola e oficinas – onde se instalara o asilo era também uma forma material de dar visibilidade ao projeto civilizatório.

Destaca-se que o Asilo de Meninos Desvalidos teve dupla função: de asilo e de escola

<sup>4</sup> Fonte: acervo da Biblioteca Nacional: *Jornal do Comércio*. 15 de Nov. de 1873. Versão microfilmada.

<sup>5</sup> João Joaquim Pizarro (1842-1906) - médico e cirurgião da Marinha Brasileira, Catedrático de zoologia e botânica (1882). Chefe da seção de zoologia e anatomia comparada do Museu Nacional. Escreveu *Feridas por arma de fogo* (1866); *Solanáceas brasileiras* (1872); *Fundamentos da filografia médica* (1876). Grande Enciclopédia Delta Larousse. Editora Delta S.A. Rio de Janeiro, 1978. V. 9 p. 5387.

<sup>6</sup> Relatório do Diretor do Asilo. Anexo D. Disponível: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1742/000486.html>. Acesso em: 13 fev. 2021.

tendo em vista a necessidade tanto de abrigar quanto de proporcionar a meninos desvalidos aprendizagem de ofícios mecânicos, cujas raízes advindas do Brasil colônia travessariam todo o período imperial (SCHUELER, 1998). A proposta pedagógica da instituição em exame foi organizada em um plano de estudos elaborado para ministrar o ensino primário de natureza profissionalizante, tendo em vista ter sido concebida para um grupo de indivíduos composto por meninos “desvalidos”, na faixa de 6 aos 12 anos de idade, conforme o disposto nos artigos 62 e 63 do regulamento aprovado pelo decreto nº 1331 A, de 17 de fevereiro de 1854.

O pedido para matrícula era feito pelos responsáveis dos menores por meio de cartas e requerimentos. Havia também correspondências escritas por autoridades públicas ou não, que intermediavam a solicitação das matrículas junto ao diretor do Asilo. Dentre os sujeitos que assinavam as cartas, seja no Império, seja na República, encontravam-se médicos, senhores de escravos, advogados, militares com cargos vitalícios, professores, funcionários públicos, enfim, pessoas idôneas a quem os responsáveis ou tutores dos meninos desvalidos de alguma forma tiveram acesso. Destaco que a instituição asilar/escolar funcionou com a nomenclatura Asilo de Meninos Desvalidos até 1894. O plano de ensino foi estruturado a partir de quatro eixos: educação intelectual, moral, física e prática, o que se vê repartido nas figuras ou funções exercidas pelo asilo: casa, escola e oficinas, numa perspectiva de oferecer educação integral cujos debates apresenta em seguida.

## O “ideal” de educação integral: educação física, intelectual e moral

Qual o entendimento de educação integral no século XIX? Creio que a necessidade de se

oferecer uma educação integral esteve diretamente relacionada à modernização da educação do país em relação ao contexto internacional, tendo em vista atingir o grau de civilidade almejado pelos dirigentes e intelectuais da nação brasileira que emergia emancipada.

Dentre os intelectuais que se preocuparam com os assuntos educacionais, apresento o exemplo de Rui Barbosa que contemplou a temática da educação integral nos *Pareceres da Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da instrução pública de 1882*. Nesse documento, Rui Barbosa defendeu a ampliação do programa escolar justificada pelo princípio da educação integral. De acordo com Lourenço Filho (2001), a pedagogia defendida pelo jurista era:

[...] aquela que não se apoiava apenas no racional e no lógico, mas no poder criador do espírito como entidade livre. Por isso a metodologia a que deveria tender seria integral, como integral é a sua pedagogia. Nesse sentido, o seu pensamento se sintetiza nestas poucas palavras: Toda reforma sincera, em matéria escolar, depende de três modificações cardeais no organismo do ensino, desde o primeiro momento de sua função educadora: *a introdução na escola da cultura física, da cultura científica e da cultura artística*. (LOURENÇO FILHO, 2001, p. 53, grifos nosso).

Por parte dos dirigentes temos um segundo exemplo. Trata-se do ministro do Império Rodolfo de Souza Dantas, amigo de Rui Barbosa conforme informações de Lourenço Filho (2001), que em 1881 publicou relatório anual de seu ministério. No quesito sobre a situação da instrução popular, faz uso do espaço para propagar os debates em torno do que intitulou como a Nova Pedagogia. Para o ministro, era preciso mudar o ensino, então baseado nas fórmulas gramaticais, no catecismo e nas tabuadas, que eram decorados. A modalidade de transmissão de conhecimentos preconizada por ele seria a do método intuitivo, baseado

nas teorias de Pestalozzi e Froebel. Para o ministro, o ensino deveria fornecer “ao menino a capacidade de ver, de sentir, de esquadriñar, de executar, de inventar” (Relatório Ministerial, 1881, p. 4-10). Esse método racional fundamentava-se em uma concepção filosófica e científica pela qual a aquisição de conhecimentos advinha dos sentidos e da observação. A racionalidade pedagógica articulava-se com os princípios de racionalização da produção e da vida social (SOUZA, 2000). De acordo com Schueler (1998), nessa nova pedagogia, aos mestres caberia em sua missão de educar, estimular o aluno a discernir os fenômenos naturais e sociais, a estudar as realidades. Portanto, a renovação da educação escolar ocupou diferentes agendas.

Os estudos de Souza (2000) apontam que nesse processo observa-se a introdução de novas disciplinas nos programas do ensino primário, especialmente ciências, desenho e educação física, articuladas com a linguagem da modernidade. Segundo a autora, a educação integral converteu-se no primeiro fundamento pedagógico sistemático para a seleção dos conteúdos para a escola primária, como o recomendado por Rodolfo Dantas em 1881 e Rui Barbosa em 1883, ou seja, introdução na escola da *cultura física* (ginástica e higiene), da *cultura científica* (noções de química e física) e da *cultura artística* (ensino do desenho aplicado às artes e ofícios, música e canto). A esse programa, Rui Barbosa acrescentaria ainda, devido às exigências do desenvolvimento econômico e social do país, rudimentos da economia política, matemática e taquimetria, geografia e cosmografia, história, língua materna e cultura moral e cívica. Embora essa efervescência de ideias tenha ocorrido fora dos muros do Asilo de Meninos Desvalidos essa instituição sofreu seus efeitos, pois em suas dependências funcionou uma escola primária que integrava ao conjunto heterogêneo das escolas primárias

do então município da Corte Imperial (Rio de Janeiro).

O *corpus* documental consultado e analisado me permitiu aproximar da concepção pedagógica de educação integral e que marcou presença nas práticas pedagógicas da escola pública do Asilo de Meninos Desvalidos. O meu esforço a seguir é para demonstrar tal feito.

No ano de inauguração do Asilo de Meninos Desvalidos, o plano de ensino da instituição era composto por disciplinas que integravam o currículo das escolas públicas primárias da então Corte imperial, voltadas para a aprendizagem do ler, escrever, contar acrescido do ensino moral, como é possível constatar pelo primeiro Regulamento do Asilo de Meninos Desvalidos do ano de 1875, pelo Decreto de nº 5849, de 9 de janeiro daquele mesmo ano, e posto em execução pelo então ministro do Império João Alfredo Correia de Oliveira. Conforme esse regulamento, os meninos matriculados na instituição aprenderiam ofícios mecânicos de encanador, alfaiate, carpinteiro, marceneiro, torneiro e entalhador, funileiro, ferreiro, serralheiro, serrador, correeiro e sapateiro, além do ensino primário composto por leitura, escrita e aritmética, instrução moral e religiosa (Decreto de nº 5849 de 9 de janeiro de 1875).

Percebe-se modificações no plano de ensino de ensino de 1875 no ano de 1883. Nesse segundo regulamento do Asilo foram incluídas no programa de ensino as disciplinas propostas nas discussões reformadoras, como as mencionadas anteriormente. Referi-me à *cultura física* (ginástica), à *cultura científica* (noções de química e física – integrantes do ensino primário de segundo grau) e à *cultura artística* (ensino do desenho aplicado às artes e ofícios, música vocal e instrumental), Geografia e História do Brasil, conforme sugerido por Rui Barbosa, que advogava em defesa de que, nos currículos das escolas primárias, deveriam constar tais saberes. Evidências de que

as propostas de reformas educacionais sugeriam uma nova configuração curricular nas escolas públicas primárias, incluindo aquela que funcionou nas dependências do Asilo Meninos Desvalidos como demonstrado nos dois regulamentos supramencionados.

Como verificar a implementação dos regulamentos de 1875 e de 1883? Evidências dessa implementação estão presentes no relatório de dezembro de 1876<sup>7</sup>, elaborado pelo diretor interino João Joaquim Pizzarro, no qual Pizzarro destaca nas primeiras seis páginas que apenas os “factos mais notáveis” seriam informados ao conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, ministro e secretário do Estado dos Negócios do Império. Joaquim Pizzarro nos informa ainda sobre as boas condições higiênicas do estabelecimento, que reunia “os três elementos, ar, luz e água em abundância”; sobre o vestuário apropriado às estações e às condições físicas de cada um dos alunos internos. Naquele ano, havia um total de 96 meninos matriculados na instituição. Número máximo naquele ano que comportavam os dormitórios e o refeitório. Informava ainda o diretor interino que os meninos eram de “procedências diversas” e que quase todos “baldos do menor vislumbre de educação e moralidade”.

Ainda nesse mesmo relatório, João Joaquim Pizzarro defendia que a chácara possuía “bastante terreno acidentado” que “no dizer dos entendidos se prestava a uma pequena escola agrícola” voltada para o ensino teórico e prático de agricultura. Para Pizzarro, o “hábito de ver e de tocar, bem sabe V.Ex<sup>ã</sup>. [José Bento da Cunha Figueiredo] se adquirem noções sensíveis”, que possibilitariam aos alunos a devida compreensão dos “princípios da sciencia agromica”. Quanto à instrução primária, dizia:

Os menores matriculados são atualmente no-

venta e seis; a instrução primária de primeiro grau encontra-se sob a responsabilidade do professor Leopoldo Ribeiro Peres Machado e que a maioria dos asilados entraram analfabetos, mas que *muitos já lêem corretamente; compõem frases corretas escrevem com a boa letra [...]*<sup>8</sup>. (Grifos nossos).

Assim, por esse relatório, consta que o asilo que havia começado com 13 alunos matriculados e já contava com 96 alunos, em sua maioria alfabetizados. Ainda quanto à ação pedagógica e educacional em relação aos meninos, no mesmo relatório, Pizzarro informava que:

*[...] os meninos fazem exercício ao ar livre pela manhã e à tarde, em dois grandes pátios, e todos os dias fazem, depois da segunda refeição, um passeio moderado pela chácara [...] tomam banhos frios gerais, todas as manhãs e fazem exercícios gynnasticos três vezes por semana [...] A aula de gynnastica é freqüentada por todos os alunos. Considerada antes como um útil exercício higiênico, do que meio de adquirir profissão que de futuro lhes proporcione meios de subsistência estas práticas que se fazem três vezes por semana lhes tem assegurado um notável grão de robustez [...]*<sup>9</sup> (Ortografia original, grifos nossos).

Quanto à Educação Física dos alunos asilados, observamos nos anos de 1882 a 1885 as presenças de Paulo Vidal e Arthur Higgins ministrando a disciplina durante os anos de 1887 a 1889. A importância dada à *cultura física* como parte das práticas pedagógicas é percebida pela presença dos professores supracitados. Segundo Rui Barbosa (1882), a primeira necessidade experimentada na infância do indivíduo e na da humanidade é a da mais plena satisfação da vida física. Ao discorrer sobre a importância da ginástica, o autor afirmava que essa disciplina não seria

7 Relatório Ministerial do ano de 1876-1A. Anexo D. Relatório do diretor, 1876. Anexo A-D4-1- pp. 2-5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/720968/per720968\\_1876\\_00001.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/720968/per720968_1876_00001.pdf). Acesso em: jul. 2021.

8 Relatório do diretor, 1876. Anexo A-D4-1 – p. 5.

9 Relatório do diretor, 1876. Anexo A-D4-1- pp. 2-5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/720968/per720968\\_1876\\_00001.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/720968/per720968_1876_00001.pdf). Acesso em: jul. 2021.

[...] um agente materialista, mas, pelo contrário, uma influência tão moralizadora quanto higiênica, tão intelectual quanto física, tão imprescindível à educação do sentimento e do espírito quanto à estabilidade da saúde e ao vigor dos órgãos. (BARBOSA, 1882, p. 80).

Pela distribuição do tempo dedicado às práticas voltadas para a educação do corpo, observada no excerto supracitado, as propostas educativas de João Joaquim Pizzarro se aproximavam das ideias proclamadas por Rui Barbosa em seus pareceres de 1882 quanto pelo diretor do Asilo. Para Souza (2002), a concepção higienista se apresenta muito forte nesta defesa, aparecendo a ginástica como agente de prevenção dos hábitos perigosos da infância.

No que diz respeito ao mundo do preparo para o trabalho qualificado e remunerado, destaca-se do complexo arquitetônico do Asilo de Meninos Desvalidos um conjunto de oficinas previstas no Decreto de nº 5849, de 9 de janeiro de 1875, e mencionadas anteriormente. Nessas oficinas e, de forma alternada na escola, em 1889, pela primeira vez, o número de alunos matriculados chegara a 410. Os anos seguintes os números de 433 (1890), 395 (1891), 430 (1892), 406 (1893) e 421 (1894) (MARQUES, 1996, p. 138).

Nesse movimento histórico, não se desconsidera as novas demandas econômicas representadas por um aumento significativo de indústrias no Rio de Janeiro o que, provavelmente, impactou a organização da proposta educacional do asilo no quesito ensino profissional. Os anos seguintes que antecedem a República seriam anos rendosos, pois a receita das oficinas crescia e o Asilo de Meninos Desvalidos, oficialmente, passara a ser o empregador dos seus internos.

Assim, as oficinas do asilo além de serem espaço e lugar de aprendizagem de um ofício eram também as responsáveis por certa pro-

dução de renda para manutenção do conjunto asilar/escolar. Nesse sentido, por extensão, economia para os cofres públicos. No entanto, o lucro das oficinas garante também o depósito nas cadernetas da “caixa econômica escolar”<sup>10</sup> para o grupo de alunos/aprendizes das oficinas. Dessa forma, o asilo se insere nos preceitos que regem o sistema público de ensino primário, incluindo a presença da Caixa Econômica Escolar.

Outra fonte de renda era proveniente da Banda de Música, que, após quatro anos do início de funcionamento da instituição, já apresentava seus primeiros rendimentos, demonstrando aí a importância das aulas de música prescritas no plano de estudos do Asilo. A maior arrecadação que o Asilo recebia, através dos trabalhos dos meninos, era com apresentações da Banda de Música, composta por quarenta músicos, em eventos públicos ou festas. Segundo um dos diretores do Asilo, tal arrecadação era facilitada pela conquista do reconhecimento da banda pela Corte. Portanto, o ensino da música que profissionaliza os meninos é rentável tanto para a instituição quanto para seus integrantes.

## O nome impede a morte: os caminhos possíveis

Poderíamos afirmar que o conjunto de estratégias que visava garantir o bom funcionamento do Asilo de Meninos Desvalidos favoreceu a construção de um aparato de apoio aos alunos daquela instituição no campo profissional?

<sup>10</sup> A Caixa Econômica Escolar foi criada pelo ministro Manoel Pinto de Souza Dantas, pelo Decreto de 19 de abril de 1879, artigos 4º, § 4º. Ela funcionaria em todas as escolas públicas de instrução primária do Município da Corte e os depósitos seriam feitos pelos alunos a partir de pequenas quantias que os pais ou protetores dariam. Os depósitos seriam posteriormente recolhidos à Caixa Econômica do Estado, que restituiria ao aluno quando ele deixasse a escola. A administração ficaria sob a responsabilidade dos professores e professoras (SOUZA, 2008).

O que a educação integral e gratuita, debatido por autoridades e intelectuais, propiciou àqueles meninos desvalidos possibilidades de estruturação de suas vidas futuras?

Com a intenção de responder ao referido questionário Marques (1996) e Souza (2008 e 2013) demonstraram que até 1894 o Asilo de Meninos Desvalidos havia formado 365 alunos, dentre eles: 58 alfaiates; 29 carpinteiros; 73 encadernadores; 36 latoeiros; 43 marceneiros; 60 sapateiros e 42 torneiros, perfazendo um total de 341. Dos outros 24 alunos, um se formou no Internato D. Pedro II, 22 no Curso do Instituto de Música e um no Curso da Escola de Belas Artes; estes dois últimos cursos, para formação de professores. Dentre os formados em música e artes, destacam-se o maestro Antônio Francisco Braga, João Baptista da Costa e Paulino Sacramento que foram professores do Asilo.

Entretanto, salvo Francisco Braga, os demais formados em música enveredaram por estilos musicais mais populares, especialmente, o choro. Tal estilo, presente nas rodas musicais do Rio de Janeiro da atualidade, teve seu início na segunda metade do século XIX. Enquanto a elite carioca reunia-se em salões para ouvir música europeia, a música popular que surgia era o choro (RABELLO, 2003).

Passo então a apresentar no presente estudo os “chorões” do Asilo de Meninos Desvalidos. Início por Paulino Pinto do Sacramento, que nasceu em 1880, foi matriculado no Instituto Nacional de Música, não sendo possível saber quando se deu sua entrada para o Asilo de Meninos Desvalidos como aluno interno daquela instituição. Porém, conforme documentação consultada e analisada, sua presença na instituição como professor de Música teórica, no ano de 1901, é informada como sendo um ex-aluno que retornou a instituição asilar/escolar, então com 21 anos, na condição de docente na área de Música.

Segundo Carrillo e Paes (2003), Paulino Pinto do Sacramento seguiu carreira como trompetista, compositor e regente. Trompetista de boa técnica, seu tango “Pierrô” é considerado um autêntico carro de fogo para os solistas desse instrumento. Em 1896, então com 16 anos de idade, foi candidato a primeiro Mestre da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, sendo derrotado por Anacleto de Medeiros (1866-1907) que, filho de uma escrava liberta, começou na música tocando flautim da Banda do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro.

Paulino Sacramento dá prosseguimento à sua carreira, formando sua banda. Segundo Diniz (1991), em 1911 grava a música “Janiquinha”, de autoria de Francisca Gonzaga<sup>11</sup> mais conhecida como Chiquinha Gonzaga, pela Columbia. A partir de 1912, produziu partituras para a revista *O Rio civiliza-se*.<sup>12</sup> Nesse mesmo ano, dirigiu a Orquestra do Teatro Rio Branco, sendo o primeiro maestro a reger o músico Pixinguinha, então com 14 anos de idade. Colaborou com alguns famosos libretistas, como Bastos Tigre (*O Maxixe*), João Foca, Raul Pederneiras, Catulo da Paixão Cearense (*O Marroeiro*). Seu tango “Vatapá” foi regravação em 1971, na RCA Victor por Radamés Gnattali (piano), Altamiro Carrilho (flauta), Paulo (bombardino), Dino e Meira (violões) e Canhoto (cavaquinho). O dis-

11 Filha de um general do Exército Imperial e de uma mãe humilde e mulata, Chiquinha Gonzaga foi educada numa família de pretensões aristocráticas. Fez seus estudos normais com o cônego Trindade e musicais com o maestro Lobo. Aos 16 anos, por imposição da família, casou-se com Jacinto Ribeiro do Amaral, oficial da Marinha Imperial. Não suportando a reclusão do navio onde o marido servia e as ordens para que não se envolvesse com a música, Chiquinha separou-se. Ao todo, compôs músicas para 77 peças teatrais, tendo sido autora de cerca de duas mil composições. Chiquinha participou ainda, ativamente, da campanha abolicionista e foi fundadora da SBAT (DINIZ, 1991).

12 *O Rio Civiliza-se!* Foi a expressão mais corrente após a conclusão da Avenida Central. As obras se iniciaram em março de 1904 com a demolição de 641 casas, desalojando quase 3.900 pessoas. Após seis meses de trabalho, estava aberta de ponta a ponta. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Avenida\\_Central](http://pt.wikipedia.org/wiki/Avenida_Central). Acesso em: jan. 2021.

co foi lançado em 1972, pela Editora Abril, no fascículo 48 “Donga e os primitivos”, da Série *História da Música Popular Brasileira* (ALBIN, 2002). Mas seu envolvimento no meio musical também é marcado pela luta pelos direitos autorais quando integrou, em 1917, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cujos membros liderados por Chiquinha Gonzaga lutavam pela garantia daqueles direitos (DINIZ, 1991). O músico Paulino Pinto do Sacramento faleceu em 1926.

O segundo “chorão” é Albertino Inácio Pimentel. Compositor, regente, pistonista e instrumentista, o músico, ex-aluno do asilo, Albertino Inácio Pimentel, nasceu em 1874, um ano antes da criação oficial da instituição educativa na qual viria a estudar. Informação de sua matrícula no Asilo de Meninos Desvalidos encontra-se em Carrillo e Paes (2003), que nos dizem ter sido o músico contemporâneo de Candinho Trombone e Francisco Braga, naquela instituição, em cuja banda tocaram juntos. Em 1890, integrou uma das primeiras formações da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, sob a direção de Anacleto de Medeiros, aquele que derrotara seu companheiro de estudos no asilo, Paulino Pinto do Sacramento, como candidato a primeiro Mestre da Banda. Com o falecimento de Anacleto Medeiros, em 1907, vem ocupar o cobiçado posto.

Já Cândido Pereira da Silva nasceu no Rio de Janeiro, em 1879, e morreu em 1960. Não foi possível saber a data do início de suas atividades como músico, porém foi na banda da Fábrica de Tecidos Confiança, como contramestre, em Vila Isabel, no mesmo bairro onde funcionava o Asilo de Meninos Desvalidos onde fora aluno e no qual teve início a sua formação musical. Aos 19 anos de idade, integrou a Banda da Polícia Militar, também como contramestre. Companheiro de vários chorões, dentre eles Albertino Pimentel, Pixinguinha e Anacleto de Medeiros, vindo a fazer parte, em 1924, ao lado

do cavaquinista e compositor, Eurico Batista, do Grupo Africanos de Vila Isabel. De acordo com Carrillo e Paes (2003), a especialidade de Cândido Pereira da Silva foi o trombone, daí resultou o seu codinome: Candinho Trombone. A partir da década de 1930, passou a trabalhar como primeiro trompetista da Orquestra Sinfônica Brasileira. Em 1959, de acordo com Carrillo e Paes (2003), já doente, doou seu arquivo musical a Jacob do Bandolim. Hoje este arquivo faz parte do acervo do Museu da Imagem e do Som, localizado na cidade do Rio de Janeiro.

Pelo exposto, sustento que seria da ordem do possível considerar que a formação primeira que os músicos supramencionados receberam no Asilo de Meninos Desvalidos confirmasse também nas vidas de Antônio Francisco Braga, Paulo Pinto Sacramento, Albertino Inácio Pimentel, Cândido Pereira da Silva. Constatou-se que de uma forma ou de outra conseguiram, mesmo que não intencionalmente, marcar seus nomes na história da música como veremos na última trajetória e que apresento a seguir.

Trata-se do maestro Antônio Francisco Braga, natural da Corte, nasceu em 1868 e foi matriculado no Asilo sob o número 57, aos oito anos de idade, por Rita da Silva Mattos, em janeiro de 1876. Não foi possível saber o grau de parentesco de Rita em relação a Francisco Braga. A documentação consultada não nos fornece pistas de quando completou seus estudos no Asilo de Meninos Desvalidos. A evidência de que realizou parte de seus estudos na referida instituição vem das anotações em sua caderneta da Caixa Econômica Escolar relativas ao ano de 1883.

Naquela instituição escolar/asilar, Antônio Francisco Braga fez seus primeiros estudos musicais, chegando a ser regente de sua Banda de Música e que, para completar seus estudos, viaja em 1890, aos 22 anos de idade, para Paris.

Desta maneira, o maestro e ex-aluno do Asilo de Meninos Desvalidos teve a oportunidade de conviver em países considerados “civilizados” como França e Alemanha. Quanto à sua carreira profissional no Brasil, segundo Carrillo e Paes (2003), em 1902, Francisco Braga foi nomeado professor de Música do Instituto Nacional de Música e do Instituto Profissional João Alfredo, nova denominação do Asilo de Meninos Desvalidos a partir de 1910. Assim, retorna a atuar como profissional no espaço onde iniciou a sua formação musical e profissional uma vez que em 1888 há referência de Francisco Braga atuando como professor de música do antigo Asilo de Meninos Desvalidos.

Constata-se que o “nome próprio”, Francisco Braga, ficou marcado na história da música brasileira, principalmente por ter sido o compositor do Hino à Bandeira, que recebeu versos do poeta Olavo Bilac. Braga aposentou-se em 1938 como professor do Instituto Nacional de Música, falecendo no Rio de Janeiro em março de 1945. Além de Francisco Braga, Albertino Pimentel, Candinho Trombone e Paulino Pinto do Sacramento também se destacaram no campo musical, como já demonstrado. Foram companheiros de estudos e do exercício da docência no Asilo de Meninos Desvalidos, vindo a tocar juntos na Banda da Instituição (CARRILO e PAES, 2003).

No campo das Belas Artes, apresento João Baptista da Costa nascido em 1865, iniciando sua formação artística em 1877, então com 12 anos de idade, no Asilo de Meninos Desvalidos, Rio de Janeiro. Em 1885, ingressou na Academia Imperial de Belas-Artes e é aluno de Zeferrino da Costa, José Maria de Medeiros e Rodolfo Amoedo. Em 1894, recebeu o prêmio viagem ao estrangeiro na Exposição Geral de Belas Artes. Viajou para a Europa e, em 1897, estudou na Academie Julien, em Paris. Em 1906, tornou-se professor da Escola Nacional de Belas-Artes (ENBA), substituindo Rodolfo Amoedo,

seu mestre, na cadeira de pintura onde tem como alunos Candido Portinari, Orlando Teruz e Quirino Campofiorito, entre outros. A partir de 1915, assumiu a direção da ENBA, cargo que ocupou até 1926, ano de sua morte.

Assim como Antônio Francisco Braga, João Baptista da Costa lecionou no Asilo de Meninos Desvalidos. Ambos, posteriormente trabalharam como profissionais no Instituto Profissional João Alfredo, antigo Asilo de Meninos Desvalidos. Ainda de acordo com Carlos Rubens (1947), biógrafo de João Baptista, aquela instituição educativa, onde estudou e lecionou, foi um espaço que, assim como Antônio Francisco Braga, nunca deixou de frequentar. Da mesma forma que o amigo, teve alunos que um dia ficariam na história junto com seus respectivos professores. A título de informação Antônio Francisco Braga teve como aluno o maestro Heitor Villa-Lobos, e Baptista da Costa, o pintor não menos famoso Candido Portinari.

Este artigo encaminha-se para o seu termo e nesse caminhar foi possível iluminar uns poucos fios de uma rede de relações interdependentes e, dessa forma, escrever parte da história concreta de experiências de construção de vida profissional. Por meio dessas experiências, esses indivíduos desenvolveram habilidades que os tornaram visíveis à sociedade daquele tempo, pelos cargos que vieram a ocupar.

Quando o foco recai sobre a leitura dos pesquisadores que dedicaram seus estudos aos sujeitos históricos aqui também pesquisados, percebe-se que tais sujeitos estiveram inseridos num contexto que nada tinha de linear, coerente ou determinado e, muito menos, marcado pelo fato de que bastava ter “apetido” para se conseguir uma trajetória de vida sem esforços. O que se pode constatar é que desde a mais tenra idade, por meio das relações que foram possíveis com as pessoas que pleiteavam no Asilo de Meninos Desvalidos

para aqueles meninos. Dessa forma, o grupo de meninos aqui pesquisados foi construindo múltiplas possibilidades de vida. Construiu-se e construiu a realidade social para mudá-la ou preservá-la ao longo do que Bourdieu (2006) chama de envelhecimento social, através do qual mantiveram tanto um conjunto de relações com os outros quanto com o poder público representada pela figura do Asilo de Meninos Desvalidos. Nesse caso, encontram-se as trajetórias de vida aqui destacadas.

Foi possível perceber que: se, por um lado, no interior do Estado as forças se moveram para tornar possível o funcionamento do conjunto asilar – casa, escola e oficinas –, por outro, no interior daquela instituição asilar – plano de estudos extenso, normas regulamentares, corpo docente, dirigentes, mestres de ofícios, e demais funcionários –, as forças também atuaram no sentido de provocar, aliada às primeiras, a emergência das condições que encorajariam uma fração de seus alunos a construir carreira profissional extramuros. Para exemplificar, é importante ressaltar a estratégia do trabalho remunerado nas oficinas e na Banda de Música, cuja renda era recolhida à Caixa Econômica Escolar. Tais fatores, segundo Ecio Portes (2001):

[...] são interdependentes, se completam na estruturação das ações dos sujeitos, no sentido de multiplicar esforços para garantir uma trajetória com um mínimo de sobressaltos e um futuro mais promissor. (PORTES, p. 43).

Compreender o Asilo de Meninos Desvalidos, enquanto instituição educacional que abrigou em seu espaço arquitetônico figuras que hoje fazem parte da história da vida nacional, se constituiu em um dos principais desafios da pesquisa. A presença desses sujeitos neste espaço não afirma ou configura que a instituição não tenha atendido em sua maioria ao público para o qual fora pensada. Como mencionado anteriormente, os biografados foram se consti-

tuindo imersos em diferentes relações que estabeleceram e nos diferentes espaços por onde passaram, sendo o Asilo de Meninos Desvalidos apenas um deles. Em seu tempo, aqueles sujeitos não imaginavam o que representariam para o Brasil de hoje, isto é, ser parte da memória cultural e educacional deste país. Eram, portanto, sujeitos comuns como os demais asilados que fizeram parte do contingente expressivo que passou pela instituição, entre 1875-1894, e do qual se formaram apenas 365 alunos.

No entanto, o que importa considerar não é o quantitativo de meninos que conseguiram completar a formação profissional, mas as diferentes colocações e deslocamentos que os sujeitos em foco conseguiram realizar, ou seja, de professores do Asilo a artistas reconhecidos. Dessa forma, tais pertencimentos podem ter contribuído para que desenvolvessem a capacidade de existirem como agentes ativos nos mais diferentes campos, muito embora, aqui, o campo eleito na pesquisa e apresentado tenha sido aquele marcado pelo que esses homens arquivaram de suas próprias vidas. Nesse sentido, é pertinente destacar que esse estudo foi possível porque a documentação consultada foi preservada em arquivos, como por exemplo, as composições musicais de Braga, Sacramento, Pimentel e Silva e, no caso de Baptista da Costa, suas telas avaliadas, hoje, em alguns mil reais. Soma-se ainda a esse *corpus* documental mobilizado um conjunto expressivo de pastas e dossiês dos alunos do asilo preservadas no Arquivo Asilo de Meninos Desvalidos sob a Guarda da FE da UFRJ. Não é demais afirmar que a existência desse *corpus* documental, numa certa medida, foi a principal motivação para que as trajetórias dos egressos do Asilo de Meninos Desvalidos viessem a lume. Nesse sentido, os meninos desvalidos saíram do anonimato e assumiram os seus nomes próprios e, como afirmou Heloisa Starling (2021) em palestra recente: o nome impede a morte.

## Referências

- ARRIADA, Eduardo & TAMBARA, Elomar (org.) **Coletânea de leis sobre o ensino primário e secundário no período imperial**: Lei de 1827; Reforma Couto Ferraz – 1854; Reforma Leôncio de Carvalho – 1879. Pelotas: Seiva, 2005.
- BARBOSA, Rui. **Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da Instrução Pública**. Volume X. Tomos III e IV. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 1982. Edição comemorativa do 1º centenário dos Pareceres apresentados na Câmara do Império em 1882.
- BRAGA, José Theodoro de Medeiros. **Subsídios para a memória histórica do Instituto Profissional João Alfredo** – desde a sua fundação até o presente (1875 – 14 de março de 1925). Rio de Janeiro: Santa Cruz, 1925.
- BOURDIEU, Pierre (org.). A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 6 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 183-192.
- CARRILLO, Maurício & PAES, Anna. (Orgs.). **Cadernos de choro** – Princípios do choro, vol. 5. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- CAVALIERE, Ana Maria Villela. Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira? **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 23, n. 81, p. 247-270, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro. 6ª ed. Editora Fundação Getúlio Vargas, 2005. p. 167-182.
- MARQUES, Jucinato de Sequeira. **Os desvalidos: o caso do Instituto Profissional Masculino (1894-1910)** – uma contribuição à história das instituições educacionais na cidade do Rio de Janeiro. 169 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 1996.
- LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstrom. **A pedagogia de Rui Barbosa**. Ruy Lourenço Filho (Org.). 4ª ed., rev. e ampl. Brasília – DF Inep/MEC, 2001.MARm
- RELATÓRIOS MINISTERIAIS. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/hartness/imperio.html>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- RICCIARDI, Rubens. **Francisco Braga**. Disponível em: <http://www.movimento.com/mostraconteudo.asp?mostra=3&codigo=1278>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- RUBENS, Carlos. **Vida e glória de Baptista da Costa**. Rio de Janeiro: Edição da Sociedade Brasileira de Belas Artes, 1947.
- RIZZINI, Irma. **O cidadão polido e o selvagem bruto: a educação dos meninos desvalidos na Amazônia Imperial**. 453 p. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em História Social. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2004.
- SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. **Educar e instruir: A Instrução Pública na Corte Imperial (1870 – 1889)**. 162 p. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, RJ, 1998.
- SOUZA, Rosa Fátima de. Inovação educacional no século XIX: A construção do currículo da escola primária no Brasil. **Caderno CEDES**. 2000 vol. 20, n.º 51, p. 9-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 30 jan. 2021.
- SOUZA, Maria Zélia Maia de. **Educar, trabalhar e civilizar no Asilo de Meninos Desvalidos (1875-1894): caminhos possíveis**. Dissertação (Mestrado em Educação). 114 p. Programa de Pós -Graduação em Educação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio, Rio de Janeiro, 2008.
- SOOMA SILVA, J. C.; MAIA DE SOUZA, M. Z. Corpos educados, perigos controlados: as contribuições da ginástica escolar para a remodelação urbana carioca. **Roteiro**, [S. l.], p. 237–254, 2013. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/2523>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SOUZA, Maria Zélia Maia de. **Educar o jovem para ser útil a si e à sua Pátria**: a assistência pela profissionalização, Rio de Janeiro (1894-1932). 228 p. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Conhecimento e Inclusão Social em Educação. Universidade Federal do Estado de Minas Gerais. UFMG, Belo Horizonte, MG, 2001.

SPENCER, Herbet. **Educação intelectual, moral e física**. Porto: Livraria Moderna de Alcino Aranha & Companhia, 1886. BN: II - 293,5,19.

PROEDES/UFRJ/FE - pastas dossiês – 1874-1894

PÖRTE, Écio Antonio. **Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG** - Um estudo a partir de cinco casos. 259 p. Tese (Doutorado Sociologia da Educação). Programa de Pós-Graduação em Conhecimento e Inclusão Social em Educação. Universidade Federal do Estado de Minas Gerais. UFMG, Belo Horizonte, MG, 2001.

Recebido em: 15/07/2021

Revisado em: 16/10/2021

Aprovado em 20/10/2021

**Maria Zélia Maia de Souza** é doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora adjunta 2 da Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Membro do Grupo de Pesquisa GEPHES: Estudos e Pesquisa em História da Educação e Sociedade. *E-mail*: [zeliammaia@yahoo.com.br](mailto:zeliammaia@yahoo.com.br)